

Latusa digital – ano 6 – N° 36 – março de 2009

Ratos e mulheres*

*Dominique Laurent***

O século XXI é para nós uma configuração de saber, um avanço particular do discurso da ciência, especialmente da biologia. Esse novo saber não cessará de modificar a civilização ao longo do século. Já sentimos seu efeito na nova pretensão das técnicas de laboratório de escrever cientificamente as condições subjetivas do amor, da felicidade e da relação sexual. Nessas fantasmagorias, o IRM¹ dos sujeitos em meditação fornece as condições da felicidade; os ratos dopados com oxitocina fornecem a chave da ligação amorosa, e a indústria farmacêutica anuncia constantemente o futuro lançamento no mercado do Viagra feminino, oferecendo a solução para o gozo.

Examinaremos inicialmente algumas consequências desse sonho de escrita científica da relação sexual e certos paradoxos do amor nos ratos. Em seguida, nos ocuparemos dos humanos e de suas múltiplas figuras do parceiro de gozo que a própria civilização expõe fora de qualquer laboratório. Concluiremos, enfim, pelo avesso dessa multiplicidade que aparece na contingência do parceiro-sintoma.

O sonho científico de uma escrita da relação sexual

A fascinação pelos amores dos ratos de laboratório foi antecipada pela literatura do século XX. Vou me deter em um único exemplo, o de John

* Publicado na Revista *La Cause freudienne* n° 70. Paris: Navarin Editeur, dezembro de 2008.

** Analista da Escola – AE. Membro da École de la Cause Freudienne (ECF) e da Associação Mundial de Psicanálise (AMP).

¹ Imagem de ressonância magnética.

Steinbeck e seu título irônico: *Ratos e homens*. Nesse romance o objeto a aparece em todo seu esplendor no rato acariciado e depois esmagado que anuncia a mulher estrangulada. O gozo do homem é silencioso e mortal. A redução absoluta da mulher a uma rata produz a escrita silenciosa da relação sexual que comanda a passagem ao ato. Trata-se de uma versão louca do gozo masculino "fetichista". A relação de Lennie com as mulheres, o herói de Steinbeck, se fixa na lembrança de um pedaço de veludo perdido, gostoso de acariciar, dado pela única mulher nomeada em seu universo mental: uma certa tia Clara que também lhe deu uma rata. Não há outra lembrança desse substituto materno. Restam as ratas vivas, objetos de suas carícias. Mas elas se movem, mordiscam, são muito espertas. Uma vez as ratas mortas, Lennie as pode, enfim, acariciar em paz. A série indiferenciada das ratas se prolonga nas mulheres. E a carícia na cabeleira de uma mulher que se debate precipita o assassinato. Nenhuma violação, nenhum funcionamento fálico. Uma equação quase matemática escreve a relação com o outro sexo: acariciar a morte. A morte subjetiva de Lennie o leva a matar seu objeto. Gozo autista do qual o Outro está radicalmente excluído. Lennie poderia ter um destino de matador em série. Aliás, o romance esboça isso.

Essa fetichização autista não deixa de ter relação com o propósito de redução do cognitivismo emocional, que visa obter uma escrita biológica sem equívoco para qualquer emoção. Para esse fim, Antonio Damasio promove a distinção entre a emoção e o sentimento da emoção. A emoção é uma resposta corporal a uma percepção. O sentimento é a elaboração cognitiva dessa condição do corpo. A concepção de Damasio é de um organismo centrado em sua autoregulação e sua percepção interna, um organismo sem exterior, autista. O sentido do vocabulário do registro dos afetos, dos sentimentos, não passa em última instância da emoção precisa que é sentida pelo corpo. Então é concebível fazer uma cartografia dos sentimentos. Estamos longe do afeto freudiano, sempre deslocado ou mentiroso, preso em deslizamentos metonímicos ou metafóricos, salvo a angústia que estremece o corpo, como diz Lacan. Em sua preocupação com a unicidade, com a não-equivocidade, com a simplicidade, a perspectiva de Damasio é consoante com o sistema de Lennie.

Uma percepção da rata remete a uma emoção corporal. Em seguida, o sentimento leva Lennie a acariciar a rata. Temos uma associação fixa, uma única imagem, não é preciso movimento. Unívoca, sem palavras, trata-se da escrita de um cenário do gozo. Se a relação sexual existisse, seria com a rata. Ela não é um fetiche, muito menos o objeto transicional de Winnicott, é um objeto real, gozo da morte. Ela funcionaria como um marcador somático. Seria a escrita da relação sexual, superando a contingência do encontro particular que não se faz sem palavras.

A relação sexual e o múltiplo do parceiro fantasia

À medida que o laço social se desagrega, a civilização produz sujeitos solitários, e o desejo de encontrar um parceiro se torna cada vez mais insistente. Os ideais e as tradições não servem mais como guias, e o ideal de performance ganha seu lugar. É preciso ser "mais", amar "mais", desejar "mais", viver "mais", encontrar o melhor parceiro. As formas institucionalizadas do casal, das famílias, são modificadas pelas novas normas de gozo sexual. Entretanto, os parceiros de gozo estão condenados ao não-encontro. Além da dialética fálica, o homem busca encontrar seu objeto *a* numa mulher, e uma mulher buscará o Outro gozo. A mulher só é o Outro do homem na vertente de objeto e só permanece Outro para ela mesma em sua relação com S (\mathcal{A}). Nesse sentido, a relação sexual é impossível, não cessa de não se escrever. A fantasia como axioma escreve para cada um uma relação de gozo estabelecida com o objeto. Essa ligação do significante com o gozo é produto de um saber-fazer do "inconsciente com *lalíngua*". E essa ligação entre simbólico e real permite a imaginarização do parceiro de gozo.

Está aberta a caça ao parceiro fantasmático, aquele da pulsão e do objeto. Os sites da internet são eloquentes. Do *meetic*², versão *soft*, aos sites especializados mais *hard*, cada um, homem ou mulher, homo ou heterossexual,

² Site de relacionamento.

busca seu parceiro. Além das escolhas conscientes do encontro, a análise desvela as condições pulsionais. A caçadora de homens, o avaro que nada quer perder, o exibicionista que se põe em cena, o maltratado que quer sê-lo, o perscrutador da presença do órgão masculino, os voyerismos de todo gênero comandam a cena. Trata-se de se fazer objeto do Outro, mas de um outro que não fala. O parceiro fantasia imaginarizado não responde, está preso em um gozo autista. Nos encontros múltiplos e efêmeros ou na masturbação à distância em um encontro virtual, a decepção está presente. É o fracasso particular e generalizado. A emancipação das mulheres permitiu generalizar as respostas à questão freudiana "o que quer uma mulher?". As mídias expõem os modos de uso da vida amorosa, elas fazem cintilar os objetos fetichizados da sedução, e os *sex-toys* se propõem como remédio para a falta. Essas respostas soam como palavras vazias, porque universais e conciliadoras. Essa tagarelice se extingue no encontro silencioso na internet.

O amor não funciona sem que haja declaração. Ele faz suplência à escrita impossível da relação sexual e à incapacidade do falo de significantizar todo o gozo feminino. O que a mulher quer para além do órgão no ato sexual é que o "objeto que fala" diga seu ser e cifre seu gozo. Uma mulher não quer palavras vazias que poderiam se dirigir a um outro, ela quer um parceiro das palavras que lhe permitam ser mulher, ou seja, tocar seu gozo particular além do falo. Assim um homem se inscreve em sua fantasia. Quer seja gay, lésbica, bi, transgênero, hetero, como diz Jacques-Alain Miller, "ama-se aquele ou aquela que detém a resposta à nossa questão: Quem sou eu".

O analista pode observar duas vertentes nas demandas que lhe são dirigidas. De um lado, um *zapping* frenético, no qual mulheres e homens buscam o programa que poderia realmente cativá-los. De outro, um distanciamento dos sexos, que os conduz à solidão, preenchida por adições múltiplas. O corpo é remodelado pela ciência, pelo esporte, pelos programas anoréxicos, pela cirurgia estética, pela tirania do objeto de consumo, pela adição às drogas, legais ou não. O objeto está no comando, não somente por sua afirmação evidente, mas também por sua denegação. Pode ser visto no estilo de vida dos

casais “fraternais” que colocam a sexualidade à distância, visando a homeostase. A regulação imaginária de um sobre o outro permite acreditar na unicidade do casal. Esta pode ser perturbada pela contingência de um encontro ocorrido em uma vida sexual conjugal desértica ou pouco entusiasta há muito tempo, ou pela questão do compromisso no casamento, o pacs³, a maternidade, etc., para os mais jovens. Há uma imensa tolerância ao estilo de vida fraternal a essa acomodação silenciosa que os libera das confusões do sexo e do desejo. Ali onde reina a denegação do sexo, o psicanalista escuta as miragens do narcisismo e as solidões pulsionais sob o ideal do amor fraternal. O estilo de vida fraternal não vale apenas para os casais deteriorados, ele ocorre também no estilo de vida dos “jovens casais” indissociável da turma de amigos. O avesso do casal fraternal “pseudovirtuoso” é o casal fraticida. Este é sustentado de outra forma e é muito sólido; cada um está de olho no Outro, demandando-o em sua vindita segundo suas modalidades fantasmáticas particulares.

Também é possível perceber essa denegação em ação na relação mãe-filho, pois é preciso lembrar que a criança acontece na relação sexual. Desde o não reconhecimento da gravidez até suas mais estranhas dissimulações, há várias figuras do infanticídio que lembram as chicanas da relação com o objeto-criança. Os níveis de eliminação são múltiplos, como no caso do sujeito que dissimulou com sucesso sua gravidez por medo de que lhe roubassem seu filho propenso a apresentar um defeito genético. Uma passagem ao ato digna de Medeia pode existir perfeitamente sem um Jasão aparente.

A relação sexual e o parceiro sintoma

Um casal no século XX quis manter junto o um e o múltiplo. Trata-se de Simone de Beauvoir e Jean-Paul Sartre com a fórmula filosófica: nosso amor é necessário, os outros são contingentes. Como estar casado sem ser castrado?

³ Pacto civil de solidariedade.

A questão se colocava ainda mais porque Sartre não escondia suas dificuldades sexuais. Ele as resolvia com uma sedução juanesca, mantendo a unidade com seu Castor⁴ em um pacto amoroso proveniente do amor cortês e da conversação contínua. No "segundo sexo", Beauvoir designava ao homem a função de falar para uma mulher que não poderia, sem ele, se encontrar. As causas eram, para ela, sociológicas. A mulher estaria reduzida à negatividade pela dominação social à qual está sujeita, restando ao homem dizer quem ela é. Na falta, a "mística" se dirige a Deus. Mas as modificações da condição feminina têm mostrado que não se trata disso.

Além do espelho sociológico, Lacan mostrou que uma mulher é sintoma do homem e não somente objeto de sua fantasia. Ela é mesmo "sintoma de um outro corpo". A mulher sintoma do homem supõe a definição do *sinthome* como acontecimento de corpo. Ele designa o efeito de gozo do significante no corpo e vem no próprio lugar que Freud inscreve a pulsão. A mulher lacaniana tem fundamentalmente uma relação com o Outro.

Opomos à civilização do parceiro fantasia aquela do parceiro sintoma. J.-A. Miller mostrou como o termo parceiro sintoma surgiu no ensino de Lacan como simétrico ao de falasser e substituindo o par $\$ \diamond A$. A introdução da categoria do falasser no lugar do $\$$ modifica o estatuto do Outro do significante no aparelho de gozo. O $\$$ era mortificado e marcado com o selo da falta-a-ser, agora o falasser, munido de um novo estatuto do Outro, introduz o corpo vivo capturado na estrutura de *lalíngua* que respeita a falta-a-ser. A noção de parceiro sintoma leva em conta a noção de *sinthoma* em uma generalização da ideia de parceiro introduzida por Lacan no início do seu ensino. O parceiro sintoma ao qual o sujeito está ligado de maneira essencial designa o real como impossível de suportar "e do qual o sujeito goza ao mesmo tempo".⁵

⁴ N.T. Apelido dado por Sartre a Simone de Beauvoir.

⁵ MILLER J.-A. "O Outro que não existe e seus comitês de ética", 1996-1997, seminário pronunciado no quadro do departamento de psicanálise de Paris VIII, lição de 19/03/97, inédito.

Ele é “aquele que tem a chance de responder”. O parceiro sintoma implica não apenas o gozo autista da *apparole*, mas também o endereçamento a um Outro pelo qual alguma coisa do gozo pode tomar corpo.

A chicana da relação entre os sexos é aquela de um discurso infinito no qual a contingência do encontro não cessa de se decifrar. Nenhuma outra forma de amar a não ser continuar a decifrar a língua do parceiro. Quando esse desejo cessa, o parceiro bascula no registro do objeto *a*, dejetivo e enigma. Não se sabe mais por que ele era amado. Conhecemos muito pouco os seres que mais amamos. Não há qualquer meio de capturar o ser amado ou um conceito. Podemos apenas continuar a decifrar sua língua, nunca se fala a mesma língua. A relação no século XXI é o avesso disto que dizia Sartre: a não-relação é necessária e o encontro é contingente.

Tradução: *Inês Autran Dourado Barbosa*.